

Dívida federal preocupa

■ *Economista acha que o débito mobiliário crescerá mais*

Cezar Faccioli

O crescimento real de 156%, ocorrido no primeiro semestre, na dívida mobiliária interna federal (títulos emitidos pelo governo) é preocupante, e a estratégia anunciada pelo diretor de Política Monetária do Banco Central, Pedro Bodin, insuficiente. O diagnóstico é do economista Paulo Nogueira Batista Júnior, do Instituto de Estudos do Setor Público (Iesp), de São Paulo. Para ele, a única fonte de pressão sobre o estoque total da dívida interna que não se repetirá no segundo semestre é a liberação dos cruzados novos.

O saldo comercial e a captação de recursos no exterior por empresas brasileiras, em sua maioria privadas, continuarão a pressionar fortemente a base monetária. "Como os dólares obtidos são das empresas, não do governo, a compra das divisas exige emissão de cruzeiros ou de títulos, gerando inflação pelo descontrole da moeda ou aumento da dívida", explica o economista, assessor especial pa-



Arquivo

Nogueira Jr: pressão

ra a dívida externa do Ministério da Fazenda durante a gestão Funaro.

A política de *sentar no caixa* adotada pelo governo também é insuficiente diante das pressões das operações cambiais. "Pelos números do BC, o impacto contracionista gerado pelo superávit do Tesouro foi 10 vezes menor que a pressão expansionista do ingresso de divisas, via aplicações financeiras ou exportações."

Nesse quadro, o governo teria de reunir fôlego de arrecadação e condições políticas para produzir um superávit dez vezes maior, se quisesse anular os efeitos das contas externas. O argumento de que a retomada do pagamento dos juros e encargos da dívida externa diminuirá a necessidade de emissão de títulos não impressiona o economista. "Para pagar a dívida, o governo terá de conseguir um saldo de caixa elevado e com ele comprar moeda forte", argumenta.

Mesmo com o precedente favorável da Argentina e os juros externos atraentes, Batista Júnior descarta a dolarização. "Neste momento político, nenhuma pirueta seria recomendável", ironiza. A dívida interna mobiliária vale hoje US\$ 30,9 bilhões, pouco menos que a metade dos US\$ 62,2 bilhões alcançados em dezembro de 1989, como efeito do bloqueio determinado em março de 1990. "O problema é que o mercado passou a exigir juros reais muito mais altos, o que pode reconduzir-nos ao mesmo patamar muito mais rápido", conclui.